

# A eterna jornada da comunicação do cristianismo, no esforço da fé de Karl Rahner

The eternal journey of communication  
of Christianity, the effort of faith by  
Karl Rahner

*Jussara Filgueiras Dias Santos Linhares\**

---

**Resumo:** O presente artigo aborda o desafio de comunicar o Cristianismo aos nossos contemporâneos. Nesse sentido, o êxito do papa Francisco em seus quatro meses de pontificado vem impactando o mundo. Os nossos contemporâneos sobrevivem a um bombardeio de informação de naturezas tão diversas que a missão de comunicar o cristianismo deve partir da identificação do que efetivamente se constitui no núcleo da existência cristã, o que Francisco reitera cada dia, no uso reiterado de expressões como “sair de si”, encontro, relação, diálogo, amor... Nesta busca, a autora encontra na gigantesca teologia de Karl Rahner, o encontro que a um só tempo define a relação entre o homem e Deus, na síntese: “o homem é o evento de uma autocomunicação de Deus absoluta, livre e que perdoa”. Esta síntese, para muitos autores, constitui o centro e o fundamento de toda teologia de Karl Rahner. Nesse sentido, e na intenção de apontar a experiência de Deus que o homem faz no mundo e no tempo em que vivemos, o artigo ressalta que “a existência cristã aborda a totalidade da vida do homem”. Apesar de Rahner haver falecido já há 29 anos, a atualidade de sua obra se encontra na prática de uma teologia ocupada com o homem em seu dia a dia e no amor a Deus que, ao autocomunicar-se, doa de si à sua criatura. Assim, o tema da autocomunicação de Deus permitiu

---

\* Doutora em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE.

tirar lições da rica Tradição cristã, por seu passado de XX séculos e apontar um caminho para hoje, assim como rumos para a Igreja do Futuro, que se quer no mundo onde os homens, afinal, convivem e acolhem a autocomunicação de Deus, que é Deus.

**Palavras-chave:** Homem contemporâneo, Secularização, Autocomunicação de Deus, Existência cristã, Evento Jesus Cristo, Comunicação, Conhecimento de Deus.

**Abstract:** This research faces the challenge of communicating Christianity to our contemporaries, so heavily bombed by different kinds and means of information that our goal must also restrict such communication to the innermost center of the Christian understanding of existence. The world is surprised with the success of the 4 month pontificate of Pope Francis. The author found expressed in a Karl Rahner's synthesis the nuclear point to be communicated today: "Man is the event of an absolute, free and forgiving self-communication of God". This system is analyzed, through its huge production, since, for many other theologians, the theme of God's self-communication constitutes the center and the foundation of all Rahner's theology. In this sense, this article goes through the various theological discourses used by Rahner – spiritual, practical and anthropological – in order to make his words able to explain the experience of God that man does in the world and during the time of our lives, since such Christian existence covers the entire life of man. Although Rahner died 29 years ago, his work can still be considered "actual" as he practiced a living theology concerned both with man, in his everyday life, and the love of God. Thus, the theme of God's self-communication in Rahner allow us to take lessons from the rich Christian Tradition, from its XX centuries passed, leaving us ready to face today's and tomorrow's new challenges.

**Keywords:** Man Of Today, Secularization, Christian Existence, Event Jesus Christ, Communication, Knowledge Of God, God's Self-Communication.

## 1. Introdução

Encerrada a XXVIII Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, a imprensa mundial repercutiu o encontro de Francisco com um imenso contingente calculado na ordem de milhões. O Papa Francisco,

que se disse vindo "do fim do mundo", seduziu com sua espontaneidade e o seu comportamento acolhedor de católicos e não católicos. Com muita doçura, a proposta de Francisco criou uma "Juventude do Papa" e arrasta a "Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo" de volta à herança dos primeiros cristãos, na proposta destemida de um "sair de si", em peregrinação aos confins das fronteiras existenciais humanas.

A energia desencadeada no encontro de milhões de peregrinos com Francisco, nos fez testemunhas de um momento histórico, quicã de um "giro" na comunicação do cristianismo, que exibiu por toda a agenda do papa o vigor do Ressuscitado aos nossos contemporâneos.

Até a eleição de Francisco, nós teólogos nos dobrávamos à evidência hodierna de que a mensagem cristã – por tanto tempo transmitida por doutrinação – não é mais aceita como óbvia, em virtude, sobretudo, do contexto incisivo de uma cultura altamente secularizada.

Os quatro meses de pontificado de Francisco expõem um sucesso efetivo e surpreendente na *comunicação* do cristianismo, o que, por certo, ainda será objeto de detida análise teológica. Em antecipação, este artigo oferece algumas observações teológicas sobre o êxito teológico da *comunicação* de Francisco que, numa simplicidade desconcertante diante da complexidade hodierna, prende-se à mensagem nuclear do Cristianismo e, a partir dela, oferece atualizações lúcidas e bastante corajosas a nossos contemporâneos.

A coragem evangélica do destemido Francisco se alicerça na certeza de que o homem de todos os tempos pode perceber existencialmente Jesus Cristo, sem se perder em palavras e regramentos que não sejam efetivos mediadores da Palavra de Deus.

Neste artigo, trago a contribuição de Karl Rahner, retirando de sua gigantesca produção teológica, alguns estudos sobre a aproximação do cristão à fé, o que ele expressa na oração e na entrega do místico, culminando nos Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola, como um caminho seguido pelo homem que quer conhecer a Deus e mais, quer conhecer a vontade de Deus para a sua vida, num dado momento.

## 2. A questão da comunicação do cristianismo

EE 231 – O amor consiste na *comunicação* de duas partes, isto é, em dar e comunicar o amante ao amado o que tem ou daquilo que

tem ou pode. E assim do outro lado, o amado ao amante. De tal maneira que se um tem ciência, dá àquele que não a tem; se tem honras, riquezas, e, assim, um ao outro”.<sup>1</sup>

A questão teológica que permeia este artigo é a eterna jornada cristã de *comunicar* a Boa-Nova, o que somente tem êxito no encontro do homem com seu Criador. Em seu *Curso fundamental da fé*, ele declara numa síntese, que “o homem é o evento da autocomunicação de Deus”, já apontando, aí, uma definição de homem e as condições de nosso encontro com Deus.

A trama que envolve Deus, o homem e a realidade criada delimita a questão teológica deste artigo, que não busca, apenas, o conceito teológico de autocomunicação de Deus, mas a experiência que permite ao homem, numa abrupta ruptura de si, como na insistente expressão de Francisco, num “sair de si”, trilhar o caminho de Deus, o que se confunde com o amor ao próximo, que mantém Cristo no centro de nossa existência.

Em uma frase, a *comunicação* do cristianismo implica o mistério da autocomunicação do Deus uno e trino ao ser humano, autocomunicação esta que o cristão recebe por absoluta Graça, para viver em confronto com um mundo do qual o cristão se distingue por pensamentos e ações, num tal exercício que perdura a totalidade de sua existência assim vivida em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

A importância histórica de *comunicar* (missão primeira de todo o cristão) e o cuidado com a *boa comunicação* do Cristianismo sempre estiveram entre as maiores preocupações dos cristãos de todas as épocas. Não se trata de dizer algo diferente do que já se disse. O que queremos realçar é o que a experiência ensina: sempre houve e sempre haverá um modo de melhor dizer exatamente o mesmo. O “Denzinger” é testemunha documental da história deste esforço de aprimoramento da expressão dos conceitos cristãos, através dos tempos.

Em seu *Curso fundamental da fé*, Rahner alerta que o problema da *comunicação* costuma oscilar ente dois extremos, como num pêndulo: ou bem na convicção de que entre a simples fé de catecismo, por

um lado, e por outro, a passagem por todas as ciências mencionadas, existe uma forma de justificar com honradez intelectual a fé cristã para o cristão que queremos como leitor... “sem, meramente remetê-lo ao catecismo da Igreja com o convite a que creia o que aí se ensina e assim salve sua alma” (sic).<sup>2</sup>

O panorama vigente em nossa sociedade destaca a *aproximação* das relações de diferentes culturas e crenças e, por isso mesmo, extrapola o universo cristão ao ponto de tal *aproximação* mais parecer um *enfrentamento* de relações do que um efetivo *estreitamento*, que contribua para o engrandecimento das relações humanas, como desejado.

Este cenário traz ao Cristianismo novas questões e valores que estão sendo assumidos pelo homem que se ocupa com a *informação*, que nem sempre chega a agregar verdadeiro *conhecimento*, tornando o planeta quase que inteiramente partícipe do que Charles Taylor define como *Uma era secular*,<sup>3</sup> onde o transcendente parece ter-se esvaído da experiência humana, que agora se atrela 24 h por dia à encantadora promessa de *comunicar* e entreter “eternamente”.

Era a Vossa palavra, éreis Vós que quereria encontrar... Pessoalmente sinto-me horrorizado com esta “profundidade” que é apenas banalidade humana.<sup>4</sup>

Tal qual Francisco, Rahner, ao olhar para dentro da Igreja Católica, percebeu que o Cristianismo necessitava melhorar a sua *comunicação* se é que pretendemos para a nossa fé um lugar no inevitável diálogo aberto com o mundo das culturas, das artes, das políticas e das tecnociências, ciente de que este diálogo se dá num cenário de prevacente multiculturalismo, em que a própria experiência cristã deverá ser estimulada e difundida no interior da nossa Igreja, de modo a que se possa afirmar e reforçar a beleza do Cristianismo e da tradição da Igreja Católica por meio de uma Nova Evangelização capaz de propiciar ao homem a percepção e o sabor da fé, num esforço para além

<sup>1</sup> VÁZQUEZ MORO, A contemplação para alcançar o amor, p. 52.

<sup>2</sup> RAHNER, Curso fundamental da fé, p. 6.

<sup>3</sup> TAYLOR, *Uma era secular*, p. 13-16.

<sup>4</sup> RAHNER, *Apelos*, p. 34.

da mera doutrinação, que hoje resulta apenas um empobrecimento da grandeza e profundidade do mistério de nossas vidas.

### 2.1. A sedutora autocomunicação de Deus

Rahner diz que devemos refletir primeiramente sobre o homem como a questão universal que ele é para si mesmo. Esta questão trata do que o homem *é*, e não apenas do que o homem *faz*. É a distinção resulta na condição de possibilidade de a resposta da teologia cristã vir a ser escutada. Quando buscamos o que o homem *é*, estamos fazendo teologia, numa peculiar *unidade de teologia fundamental e teologia dogmática*. Para Rahner, os cristãos sabem que as verdades centrais da nossa fé são mistérios, mas ele insiste que os únicos mistérios realmente absolutos são a autocomunicação de Deus, na profundidade da existência, que se chama graça, e na história, que se chama Jesus Cristo.

A participação de Rahner nos esforços conciliares, especialmente na questão da autocomunicação de Deus, nos debates sobre a *Dei Verbum*, apontam que a sua teologia estava pronta para as mudanças que o Concílio traria: se a graça existe, ela existe como uma realidade da experiência humana. Dentro desse conceito, Rahner enfrentava “uma teologia que não se move apenas entre os números familiares do Denzinger, interpretando velhos pronunciamentos eclesiais, mas uma teologia que se abra a novos fundamentos para novos pronunciamentos da Igreja”.<sup>5</sup>

Para tanto, Rahner coloca-se diante do “núcleo da mensagem cristã”, e se fixa na *comunicação* do evento Jesus Cristo que, para dizer o mínimo, dividiu a história do tempo e o tempo da história, e carrega, em si, a missão de se *comunicar*: para Jesus Cristo – Palavra de Deus – comunicar-se é revelar a nós quem é Deus, o Pai de Jesus.

Assim, Rahner anuncia o núcleo da existência cristã no título da Quarta Seção do CFF: O homem é o evento de uma autocomunicação de Deus absoluta, livre, gratuita e que perdoa.<sup>6</sup>

A bimilenar prática cristã, de levar o cristianismo aos “confins do mundo”, implica compreender que somente podemos exercer esse elã missionário “comunicante” porque há um Deus pessoal que desde sempre e para sempre se comunica e renova Sua autocomunicação, como diz santo Inácio, “a todos e a cada um de nós em particular”.

Na verdade, já dissemos que a principal missão do cristão é simples: comunicar a “boa nova”, que é Deus. Dito desta maneira, o simples pode se tornar altamente abstrato, se não considerarmos que em Deus se fundem a Palavra e o Agir e, portanto, ao afirmar que Deus se (auto) comunica ao homem, o que se quer afirmar é que a “mensagem” comunicada é: “Deus, que é amor, não para de ser/dar este amor”.<sup>7</sup>

Deus, ao comunicar de Si ao homem, por sua graça, é quem toma a iniciativa e convida o homem a seguir o Seu caminho, numa mensagem sedutora, mensagem esta que *é* o próprio Deus, mensagem essa que fica exposta à liberdade humana na decisão de acatá-la – ou não. É com perplexidade que observamos que a relação de cada ser humano com Deus é única! Esta irrepetibilidade do encontro de cada um de nós com Deus revela a inesgotabilidade de Deus, O Infinito, ou como gosta de dizer Rahner, o “mar do mistério infinito”.<sup>8</sup>

A *comunicação* parte do experiencial, do fenomenológico, do sensível. É o caminho percorrido por Rahner que, em seus inícios, percebe o existencialismo marcante da teologia de Inácio e faz um mergulho no cristianismo, em seus estudos da patrística, como são exemplos os trabalhos sobre os *Cinco Sentidos em Orígenes* e, posteriormente, já na Idade Média, retoma o mesmo tema dos *Cinco Sentidos na obra de Boaventura*, textos que são destaque nas obras de diversos comentaristas, quando analisando as primeiras publicações rahnerianas.

Só para recordar, é na sequência destes dois grandes trabalhos sobre a tradição mística cristã que surge *O Espírito no mundo*, em que Rahner, libertando Tomás de Aquino do tomismo, nos apresenta suas conclusões sobre o conhecimento, como apontado pelo grande dominicano. É o círculo se fechando no entorno do grande tema que

<sup>5</sup> SW, *band* 30, p. 696-697.

<sup>6</sup> RAHNER, CFF, p. 145.

<sup>7</sup> VÁZQUEZ MORO, em retiro pregado no dia 28.09.2011, Belo Horizonte (MG).

<sup>8</sup> RAHNER, CFF, p. 35.

sempre há de ocupar o ser humano. O conhecimento do humano que quer conhecer a Deus.

A força da experiência pessoal de fé na teologia de Rahner se expressa em três momentos: (1) a aproximação do orante cristão; (2) a entrega do místico cristão, e (3) os Exercícios Espirituais de santo Inácio que, adiante da Teologia, nos libertam para seguirmos a vontade de Deus, ou seja, nos tiram de nosso comportamento autocentrado e nos levam ao irmão necessitado.

Foi vivenciando esta experiência, que Rahner formou um novo e libertador conceito de tradição,<sup>9</sup> em contraste com o pensamento “tradicionalista” reinante em todas as igrejas acomodadas que pretendem deixar “tudo do jeito que está”. Assim, desde os seus primórdios, ficou claro para Rahner a riqueza da tradição cristã que sempre esteve “viva”, através dos milênios, guiada pelo Espírito Santo de Deus.

Rahner privilegia o discurso religioso desde o seu primeiro texto publicado, *Porque precisamos de orar?* (1924).<sup>10</sup> E publica outros que se tornaram grandes sucessos editoriais, como o *Apelo ao Deus do silêncio* (1938). É bonito perceber que os seus textos espirituais encontraram força na espiritualidade inaciana e isto como que se constitui numa marca até o final de sua vida, como em *Palavras a um jesuíta de hoje* (1978), considerado por Rahner como o seu próprio testamento espiritual, assim como o livro do final de sua vida, *Orações para toda a vida* (1984).

Rahner desde cedo se mostrou interessado na teologia espiritual, na história da piedade e da mística patrística, obtendo uma proficiência que lhe rendeu fundamentos. Nesse sentido, a mistura do homem de fé com o teólogo explode num discurso espiritual carregado das marcas de suas fontes (orações, homilias, meditações, etc.) já que para ele, “rezar é ser”. Esta premissa perpassa os seus escritos e será observada no esforço do autor em alargar espetacularmente não apenas o conceito de oração, mas também a capacidade humana de orar.

Rahner toma um de seus temas recorrentes, a liberdade, para dar conta de estabelecer o nosso papel na relação com Deus. Para

ele, a liberdade em Deus é liberdade absoluta e é Deus que deseja relacionar-se conosco de um modo pessoal. Este chamado de Deus fica pendente da nossa liberdade, na aceitação – ou não. Por isso, as questões que envolvem a palavra “pessoa” também envolvem a palavra liberdade, a um tal ponto que o significado da palavra pessoa e o da palavra liberdade se fundem, e não podemos separá-los, sob pena de um desnaturar o outro.

A história desse relacionamento íntimo – ou o que sabemos da Trindade das pessoas na relação com o ser pessoal que é o homem –, se reflete na liberdade de cada um. No Pai, cuja liberdade é absoluta, como o Pai é absoluto e, em nós, cuja liberdade é dom de um amor infinito que deseja se expressar e esta expressão consiste na comunicação de Deus, em Si mesmo, ao homem.

Esta é a autocomunicação de Deus que, por ser Amor, é a mais completa expressão da liberdade de Deus Pai, o que Rahner ousa dizer que “significa que Deus se torna ele mesmo em sua realidade mais própria como que um constitutivo interno do homem”,<sup>11</sup> e que foi espetacularmente consagrado na sentença que titula o núcleo da existência cristã para Rahner:

Mas eis que agora atingimos o núcleo mais íntimo da compreensão cristã da existência com a afirmação de que o homem é evento de absoluta, livre, gratuita e indulgente autocomunicação de Deus.<sup>12</sup>

Na vivência da nossa liberdade torna-se evidente como Deus exercita a sua absoluta liberdade, autocomunicando-a a nós, ou seja, se doando. Essa história da liberdade é a que nós chamamos de história da salvação e da revelação, que é exatamente a experiência vivida por Jesus Cristo.

Quando não se compreende a salvação no sujeito na própria natureza da liberdade, a salvação parece estranha, porque o conceito teológico de salvação não se refere à salvação futura. Ao contrário, a salvação refere-se ao caráter de definitividade da autorrealização da pessoa livre diante de Deus, o que é lentamente constituído pela soma

<sup>9</sup> RAHNER, Theological Investigations, vol 01.

<sup>10</sup> RAHNER, Why we need to Pray. In: KR: Spiritual Writings.

<sup>11</sup> RAHNER, CFF, p. 145.

<sup>12</sup> RAHNER, op. cit., p. 145.

de todos os atos livres de uma pessoa e que, no seu conjunto, aponta (ou não), ao horizonte ilimitado.

Nesse sentido se compreende porque a liberdade não é a capacidade de fazer o que sempre possa ser revisado, mas é a capacidade de fazer algo de final e definitivo. É a faculdade de um sujeito que, por essa liberdade, deve atingir sua identidade final e irrevogável e, a partir daí, a liberdade é a faculdade do eterno.

Perceber o homem como o evento da autocomunicação de Deus, implica aceitar que a concepção de Redenção não pode ser apartada da concepção de Deus, já que Redentor é o perdoante, o indulgente, aquele que está sempre pronto a perdoar. Não basta discursar sobre o Redentor. Ao homem é imprescindível a experiência de “redenção”. Nunca saberemos se somos ou não pecadores, embora tenhamos certeza de que podemos vir a ser. Numa linguagem bíblica, aí está a sabedoria do “não julgueis!”.<sup>13</sup>

Nítida a influência não apenas Paulina,<sup>14</sup> mas também de toda a premissa da Primeira Semana dos Exercícios Espirituais,<sup>15</sup> tanto em Rahner, quanto em Francisco. É como na boa palavra de Ulpiano Vázquez:

A solidão do pecador está vencida com a presença de Jesus Cristo. E o pecador se torna alguém que confia, apesar de seus pecados, que Deus o está chamando. Este chamado de Deus nos faz humanos. A humanidade nasce das mãos do Cristo. Ele é a fonte do humano!

Na “antropologia” de santo Inácio, ser chamado é fundamental. Nosso nome está na boca de Deus... O bonito e o tremendo é que Deus não quer que o seu Reino aconteça sem nós. Daí que tem algo nesta vida que é para mim. Se eu não realizar, ficará sempre sem ser feito.

Jesus Cristo veio para nos ensinar que a vida é o dom em que Deus se entrega a si mesmo a nós, por nós, em nós.

Esta a autocomunicação de Deus, que é amor.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> Ver em Rm 14, 13. E aqui está o fundamento evangélico da declaração de Francisco que mais espanto causou, referindo-se aos homossexuais, numa entrevista concedida a bordo do avião que o levou de volta ao Vaticano, em 28 de julho de 2013: “quem sou eu para julgar!”.

<sup>14</sup> Nota da autora: Deus como Pai de todas as misericórdias e Deus de toda consolação, mas também de toda a premissa da Primeira Semana dos EE.

<sup>15</sup> Dorovante indicado com a sigla EE.

<sup>16</sup> Vázquez Moro, Curso de Capacitação Permanente, 1ª Semana dos EE, em Itaici (SP).

Rahner nomeia esta receptividade acolhedora da parte de Deus como a experiência de Deus, mas também como a experiência do dom, como a experiência da graça (gratuidade) e como a experiência do Espírito Santo.

O Espírito Santo, que desce ao mundo de modo divinizante, é a “causa santificadora”, de onde advém a consciência de que somos portadores do Espírito que, ao emanar a sua própria luz penetra o mundo, através dos meus olhos, a fim de que eu – e não Ele – possa ser como um refletor a iluminar o caminho que, de outra forma, na escuridão, seria invisível a mim e ao mundo.

E é exatamente porque porto esta luz do Espírito, que eu mesma vejo. E ao ver, posso reagir “ao que vejo” na fé. Este caminho iluminado pelo Espírito Santo possibilita um discernimento pessoal que “marca” o cristão como um exercício permanente de purificação, como um processo permanente do que chamamos conversão cristã.<sup>17</sup>

Rahner conclui que se trata de mera antecipação da cristologia e da pneumatologia (doutrina da graça), onde cristologia e pneumatologia se tocam de forma a constituir “o” ponto que une e caracteriza o evento salvífico fundante de nossa fé: a autocomunicação de Deus.

Já mencionamos as dificuldades que a secularização da cultura impôs para a fé cristã. Com esse pano de fundo, o Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade, é a que mais se ressentiu dos efeitos epocais quando se pretende estabelecer uma concepção atual do Espírito de Deus que “desceu” ao mundo para visibilizar e viabilizar a “subida” do homem em seu caminho a Deus, eis que é fundamental perceber que estamos nos referindo ao Espírito escatológico, o Espírito como dom irrevogável, ou seja, desceu para estar para sempre presente.

Para Rahner é “porque” houve a Páscoa – morte e ressurreição -, que houve Pentecostes, que, assim, é o evento para o qual culminam todos os eventos da Páscoa, na busca de plenitude. Em Pentecostes foi revelado que “este” Espírito é o Espírito de Cristo que, em sua emanação e em seu trabalho no mundo, partilha da “finalidade” de Cristo em

<sup>17</sup> LINHARES, A liberdade como misterioso evento salvífico da autocomunicação de Deus, p. 135.

si; é o Espírito do Cristo crucificado e ressuscitado e, por conseguinte, o Espírito que não desaparecerá do mundo e da comunidade de Cristo.

O cristão sabe que esse Espírito é o Espírito do Pai de Jesus, o Espírito de Jesus, um Espírito em cuja eficácia e vitória nós confiamos, em que nós reverentemente olhamos por Jesus e Sua vitória na morte e nisso nunca mais ousamos desagregar a regra do Espírito em nossa vida.<sup>18</sup>

## 2.2. Rahner e a tematização da experiência imediata de Deus

O cristão do futuro, ou será um místico, ou não será cristão.<sup>19</sup>

Na longa peregrinação para expressar a experiência pessoal da graça de Deus, na boa síntese de Mario de França Miranda, é de Orígenes que Rahner aprende que todo conhecimento de Deus é de certo modo místico, não havendo necessidade do recurso à linguagem entusiasta platônica para se descrever uma experiência mística.

Estes (sentidos) se desenvolvem pelo exercício, à semelhança dos sentidos corporais. Para Orígenes, a principal condição é a fé, depois a *eruditio* e a *indústria* e, enfim, a meditação sobre o sentido místico das Escrituras. Rahner julga mais provável que tais órgãos (sentidos) espirituais sejam apenas “diferentes expressões figurativas do espírito”, já que Orígenes os considera como “potências da alma”.<sup>20</sup>

Assim Deus pode ser “imediatamente experimentado”, numa convicção que Rahner articulará explicitamente em seus escritos tardios sobre os EE, sobretudo em seu testamento espiritual, *Inácio de Loyola fala a um jesuíta de hoje*.

... no mais alto nível do misticismo, lidamos com a experiência imediata de Deus – de conhecer pelo desconhecido...<sup>21</sup>

Para Rahner, se as experiências religiosa e mística buscam expressar o inexpressável, apesar de todas as tentativas e de todos os obstáculos que a tradição cristã enfrentou em seu caminho, então, inevitavelmente, devemos nos voltar ao ensinamento dos Padres, ou seja, às imagens que vieram do conhecimento dos sentidos, conforme ele aprendeu em Orígenes.<sup>22</sup>

Jesus Cristo é tido como cada uma das faculdades da alma. Ele é caracterizado como a luz verdadeira que ilumina os olhos da alma; Ele se nomeia “a Palavra” a fim de ser ouvido, o pão, a fim de ser provado; Ele é chamado óleo da unção para que as almas se regozijem na doçura do aroma do Logos; Ele se tornou a Palavra feita carne que pode ser expressa e compreendida, de modo a que o homem interior possa lançar mão da Palavra da vida. E esta mesma Palavra de Deus é tudo isto (Luz, Palavra, etc.) porque surge por meio do fogo da intensa oração e não deixa nenhuma das faculdades espirituais vazias da Graça.<sup>23</sup>

Para Orígenes, a primeira e a mais importante condição para se desenvolver as faculdades espirituais é a fé, é exercitada pela oração. Quem quer que treine a si mesmo neste modo, se torna um dos “perfeitos”, porque Cristo se torna tudo para ele; o que ele vê ele encontrou em Cristo. Os sentidos divinos alcançam a plenitude total no momento em que nós entramos em comunicação direta com o Cristo. Aí, então, finalmente nos colocamos acima das grandes coisas, pela fé que tivemos nas mínimas coisas.<sup>24</sup>

Entre os 12 séculos que separam Orígenes de Boaventura, só encontramos três escritores místicos que mencionam o ensinamento de Orígenes. Pouco, mas o suficiente para não permitir que a sua doutrina caísse em total esquecimento.

A questão-chave no século XIII foi a relação entre fé e razão. Boaventura percebeu que o conceito de filosofia de sua época dependeria da maneira com que o homem compreendesse a influência do cristianismo na evolução do pensamento medieval. Esta questão é

<sup>18</sup> RAHNER, op. cit., p. 27.

<sup>19</sup> RAHNER, *O cristão do futuro*, p. 78-81.

<sup>20</sup> Miranda; OLIVEIRA; TABORDA (org.), *KR 100 anos*, p. 32.

<sup>21</sup> Gregório de Nissa, *Vida de Moisés*. Apud RAHNER; ENDEAN, op. cit., p. 22.

<sup>22</sup> RAHNER, op. cit., p. 81.

<sup>23</sup> RAHNER, op. cit., p. 87.

<sup>24</sup> RAHNER, op. cit., p. 88. Também *Igreja e Sacramentos*, onde o tema da centralidade de Jesus é exposto.

clássica e, a partir dela, encontramos no mestre franciscano uma relação, uma mescla entre filosofia, teologia e mística. A influência agostiniana e aristotélica – que intervêm de forma positiva nas relações fé e razão – em são Boaventura ficaram conhecidas como “a questão boaventuriana”.

Segundo Mario França, Boaventura é o grande teólogo franciscano que melhor desenvolve o tema da ação salvífica de Deus no ser humano e, por isso, é o teólogo que mais ajudará Karl Rahner no esforço de tematizar o que mais tarde chamaria de “experiência da graça”.<sup>25</sup> Para Boaventura, os sentidos espirituais são como atos da contemplação e, assim, têm Deus por objeto principal.

Rahner observa numa nota que a questão é tratar de esclarecer um meio-termo entre o conhecimento no efeito da graça e a visão beatífica, pois deve ser uma experiência imediata de Deus sem significar contemplá-lo na claridade de sua essência.<sup>26</sup>

Mario França ensina que Boaventura também percebe um conhecimento de Deus em si, não mediatizado por qualquer criatura, mas que acontece in *caligine* (no escuro). Em tal conhecimento mais se sente do que se conhece (*in caligine sentire Deum in se*) e acrescenta que, diante disso, Rahner diz expressamente que Boaventura aponta para uma experiência imediata *sui generis*, mais baseada no afeto, orientando-nos assim a nele buscar não o conhecimento intelectual, mas o sentir.<sup>27</sup>

Boaventura insiste no caráter afetivo desta união, que se dá no cume da alma, deixando fora qualquer atividade da inteligência. É antes uma ascensão do afeto do que da razão, mais uma união do que um conhecimento. Trata-se de uma experiência imediata de Deus (*Sentire Deum in se*), embora na obscuridade (*in caligine*).<sup>28</sup>

<sup>25</sup> Miranda; OLIVEIRA; TABORDA, op. cit., p. 32.

<sup>26</sup> Miranda; OLIVEIRA; TABORDA, op. cit., p. 33.

<sup>27</sup> Miranda; OLIVEIRA; TABORDA, op. cit., p. 33. Também em EE 2ª anotação (4), pois não é o muito saber que sacia e satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear as coisas internamente. Observe-se também que sentir e saborear internamente é expressão dos místicos medievais. Cf. EE do Pe. Géza, 16 e em Theological Investigations 16, p. 121-123.

<sup>28</sup> Miranda; OLIVEIRA; TABORDA, op. cit., p. 33.

O tema central da exigente teologia de Rahner vem de sua obstinação em pensar a fé e a experiência de Deus – que ele fez ao deixar-se conduzir pela espiritualidade do mestre Inácio de Loyola – ao longo de sua obra. Esta experiência de Deus veio antes do início dos estudos de filosofia, quando Rahner faz os Exercícios Espirituais de santo Inácio. Nessa ocasião ele publica o seu primeiro texto, intitulado: *Porque é preciso rezar e*, ao contrário do que se poderia esperar, lá está o tema da *autocomunicação de Deus*, a constante que sua teologia nunca deixará de perseguir, e que, em especial, remete à anotação n. 15 dos EE:

EE 15: [...] mais conveniente e muito melhor que, buscando a divina vontade, o mesmo Criador e Senhor se comunique à sua alma devota, abrasando-a em seu amor e louvor e dispondo-a pela via que melhor poderá servir-lhe adiante. De modo que o que dá (os exercícios) [...] deixe obrar imediatamente o Criador com a criatura e a criatura com o seu Criador e Senhor.<sup>29</sup>

Alguns de seus comentadores dizem que Rahner leu todos os pais da Igreja do segundo século, em busca do que cada um tinha a dizer sobre a experiência mística e sobre como cada um experimentou Deus, num incansável esforço de tematização da experiência espiritual.

Evidentemente que este comentário não se refere a uma eventual confusão que Rahner pudesse fazer quanto aos diferentes discursos teológico e espiritual. O que Rahner procura, de início, é distinguir os EE das práticas de estilo meditativo, particularmente das de estilo de meditação oriental, que refletem um modo de o homem buscar tranquilidade, um certo silêncio de pensamentos, de quietude, talvez uma certa abertura em direção a patamares mais profundos na existência da pessoa humana. Para Rahner, os EE não são técnicas de autoconhecimento (“se isto for possível”, como ele arrisca duvidar) e também contrastam com a indoutrinação teológica verbal (cuja importância ele sempre resguarda), mas o que Rahner deseja é afirmar que os EE cuidam de algo diferente, eles são um modo de permitir que o Criador e a criatura lidem imediatamente um com o outro. O

<sup>29</sup> Nota da autora: EE [15] 48. A anotação # 15 é comentada no curso do artigo.



que Inácio pretende não é nada diferente desta experiência a que ele quer levar a pessoa.

Quanto mais o tempo avança na vida de Rahner, mais frequentemente ele se refere à influência que a sua teologia hauriu dos EE até o final de seus dias, em especial ao que ele diz sobre a “experiência imediata de Deus”, aos frutos de suas leituras dos padres gregos e, também de Boaventura, como vimos até aqui.

O interesse de Santo Inácio expresso em suas palavras é que um homem se coloque diante do Senhor do “Reino de Cristo” e das “duas bandeiras” e pergunte: o que eu devo fazer? O que Você quer de mim de acordo com a soberania da Sua divina vontade? O que Francisco corajosamente repetiu diante de um conglomerado cristão de mais de três milhões de jovens, nas areias de Copacabana.

Rahner se ocupa com o ser humano concreto, em suas questões mais rotineiras, tenha ele qualquer estado de vida. O alerta para leigos e religiosos é que a vida cristã seja vivida na coerência com a “busca da vontade de Deus”. É fácil perceber que esta postura abarca toda a vida do cristão e deságua numa moral contracorrente aos dias que correm em que o homem é bombardeado pela moral do cotidiano, que muda para atender interesses divergentes e raramente evangélicos, tal qual o Papa Francisco alerta e grita soa jovens que, nesse sentido, sejam revolucionários e busquem encontrar e seguir a vontade de Deus.

A ação imediata divina no ser humano, para Rahner, pode ser vista a partir da experiência mediada nos EE: “os EE iniciam um diálogo entre o exercitante e o diretor do retiro; entre o exercitante e as “verdades essenciais” da fé cristã; entre o exercitante e Deus que vai trabalhar diretamente com ele ou com ela; e entre o exercitante e os “sinais dos tempos”.<sup>30</sup>

Essencialmente, Inácio e seus filhos Rahner e Francisco dizem aos cristãos que o que se exercita tem a possibilidade de repetir a experiência não somente feita por eles, mas por um sem número de crentes ao longo desses séculos, o que Rahner expressa numa outra maneira dizer do evento da autocomunicação de Deus:

Deus me ama e eu posso amá-lo.

Eu o amo porque ele doou a mim o poder de amá-lo.

Assim, acabei totalmente perdido em Deus.<sup>31</sup>

### 3. Conclusão

A característica mais marcante do mundo de hoje para o cristianismo é, sem dúvida, a secularização que respiramos por todas as culturas do planeta. Para Rahner, o conceito de secularização aparece em primeiro lugar, histórica e objetivamente, como o conceito que faz referência à Igreja como algo na ordem do social. Esta secularização ou mundaneidade em relação à Igreja não necessita ser simplesmente identificada com um ateísmo profano.

Dentro do cristianismo, sabemos que a existência cristã não pode ser vivida apenas na interioridade de cada homem, posto que ela se dá no acolhimento amoroso de um convite (autocomunicação) de Deus, convite este que, quando acolhido, perpassa todas as instâncias de nossa realidade, transformando a totalidade da vida do homem numa verdade que chamamos de existência cristã.

A tentativa de levar ao nosso contemporâneo a “boa-nova”, implica levar a ele a notícia de que é possível uma relação com Deus, implica lembrar a ele que nesta relação está a fonte de nossa criaturidade, pois que é no acolhimento do convite de Deus, é no acolhimento da autocomunicação de Deus, que se oferece em doação a mim, que cresço como criatura. E a percepção do homem como criatura de Deus cresce em responsabilidade na vida do homem, que passa a perceber que, se ao nascer ele recebe a vida, é no viver, é no vivenciar o acolhimento da autocomunicação de Deus, que este homem cresce em direção a seu futuro eterno, que é Deus.

Assim, ao final deste artigo, apresento cinco pontos que podem ser estudados, com o objetivo de auxiliar a nossa eterna Jornada de *comunicar* a fé:

<sup>30</sup> RAHNER, Mystic of Every Day Life, p. 29.

<sup>31</sup> RAHNER, *The Priesthood*, p. 289.

- 1ª O tema do evento da autocomunicação de Deus, a partir de sua mais ampla discussão, que ocorreu durante o Concílio Vaticano II, por ocasião da fixação do texto da *Dei Verbum*, se mostra essencial para a teologia aberta que o Ecumenismo mais amplo e o Diálogo Inter-religioso procuram para o futuro das Igrejas.
- 2ª O tema do evento da autocomunicação de Deus é também o pano de fundo da apresentação dos diálogos que, de forma tímida, já travamos com as culturas, as ciências, o mundo das artes, numa Teologia Pública que recupere a voz, posto que como nós cristãos bem sabemos, e Rahner cansou de afirmar, em tudo isso o Espírito Santo, de alguma forma, tem a ver.
- 3ª O tema do evento da autocomunicação de Deus não pode ser desprezado pela Igreja, em seus esforços por uma “Nova Evangelização”, sem correr o risco de afastar a Igreja de Cristo, ou seja, ao Povo de Deus, do mundo, onde acontece a experiência da relação com o Cristo vivo.
- 4ª O tema do evento da autocomunicação de Deus, se efetivamente observado pela hierarquia da Igreja, poderá levá-la a atravessar este período, em que os censos em todo o planeta prenunciam transformações na esfera Católica, e que levarão, como disse Rahner, “a Igreja a depender em tudo da fé e do santo poder do coração”, já que ela será “um pequeno rebanho de irmãos da mesma fé, da mesma esperança e do mesmo amor [...] obediente e agradecida, aceitando sua própria época como a que é designada para ela por seu Senhor e por seu Espírito, e não meramente que é forçada a ela pelo mundo perverso”.
- 5ª O tema da autocomunicação de Deus, além de trazer embutido a experiência da relação do homem com Deus, vem com o bônus da compreensão do escatológico. A doutoranda foi percebendo que a escatologia cristã tem muito a dizer aos angustiados homens de hoje, na medida em que o cristianismo tem um compromisso que Rahner chama de “realismo cristão”, que é uma arma poderosa para o homem direcionar a finitude e o individualismo de sua existência à Deus.

## Bibliografia

A bibliografia se baseia principalmente em: Bibliographie KR 1924-1969; Bibliographie KR 1969-1974; Bibliographie Karl Rahner 1974-1979; Bibliographie Karl Rahner 1979-1984. A Bibliographie Karl Rahner 1924-1964 foi substituída, por sua catalogação haver sido superada pela edição de 1969, onde a sequência numérica da publicação de cada obra encontra continuidade nas demais edições referidas.

- 0001) 1924 – *Why we need to Pray*. In ENDEAN, Philip. *Karl Rahner: Spiritual Writings*. New York: Orbis Books, 2008. No original, *Warum uns das Beten not tut*, Leuchtturm 18 (1924-25), 10-11.
- 0002) 1932 – *Le début d’une doctrine des cinq sens spirituels chez Origène*, Revue d’Ascétique et de Mystique 13, 1932, 113-145. Republicado como *Die “geistlichen Sinne” nach Origenes*, ZKTh, XII, e como *The Doctrine of the “Spiritual Senses” according to Origen* ThI 16.06, 81-103.
- 0004) 1933 – *La doctrine des ‘sens spirituels’ au Moyen-Âge*. En particulier chez St. Bonaventure, Revue d’Ascétique et de Mystique 14, 1933, 265-299. Republicado como *Die Lehre von den “geistlichen Sinne” im Mittelalter: der Beitrag Bonaventuras*, ZKTh, XII, e como *The Doctrine of the “Spiritual Senses” in the Middle Ages*, ThI 16.07, 104-134.
- 1.170) 1965 – *O Cristão do Futuro*: São Paulo: Cristã novo século, 2004. Em inglês, *Christian of the Future*: U.S. Catholic (Chicago/Illinois) XXXI (1965) Nr. 7, 13-18. Também em *Pax Romana Journal* 6 (1965) 3-7. Em francês, como *L’avenir chrétien de l’homme*: Informations catholiques internationales Nr. 124 (vom 15.06.65) 3-4, 26-28. No original, *Christliche Zukunft des Menschen*: Orientierung 29 (1965) Nr. 9 (vom 15.05.65) 107-110. Também em *Christophorus* (München) 10 (1965) Nr. 3, 16-22.
- 3.336) 1976 – *Curso Fundamental da Fé*: introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulinas, 1989. Em inglês, *Foundations of Christian Faith*. An Introduction to the idea of Christianity. New York: Crossroad, 1978. Em espanhol, *Curso Fundamental sobre la fe*. Introducción al concepto de cristianismo. Barcelona: [s.n.], 1ª e 2ª 1979). Em francês, *Traité fondamental de la foi*. Introduction au concept du christianisme. Paris: Éditions du Centurion, 1983. Também em *Œuvres* vol. 26, Paris: Cerf, 2011. Em italiano, *Curso fondamentale sulla fede*. Introduzione al concetto di cristianesimo Alba: [s.n.], 1ª e 2ª 1977. No original, *Grundkurs des Glaubens*. Einführung in den Begriff des Christentums. Freiburg: Herder, 1, 2, 3, 4, 5 u 6 1976, 7, 8 u 9 1977, 10 1978, 11 1982. Também em SW 26.

- 3.835) 1978 – *Palavras de Inácio de Loyola a um jesuíta de hoje*. SP: Loyola (Prólogo de fev 1978). Em francês, Discurs d’Ignace de Loyola aux jésuites d’aujourd’hui Paris: [s.n.], 1983. No original, Das Alte neu sagen. Rede des Ignatiuns von Loyola an einen Jesuiten von heute. Freiburg: [s.n.], 1982. Também em SW 25.

## Literatura secundária

- ENDEAN, Philip. Karl Rahner Spiritual Writings 12.  
 \_\_\_\_\_. KR and Ignatian Spirituality. Oxford: Oxford University Press, 2001.  
 LEHMANN, Karl; RAFFELT, Albert (ed.). Karl Rahner: the Content of Faith. The Best of Karl Rahner’s Theological Writings. NY: Crossroad, 2000.  
 \_\_\_\_\_.; KIDDER (trans, ed.), KR: The Mystical Way in Everyday Life: apresentação. New York: Orbis Books, 2010.  
 LINHARES, Jussara. A liberdade como misterioso evento salvífico da autocomunicação de Deus. Uma abordagem na Teologia de Karl Rahner. Dissertação de mestrado submetida e aprovada pela banca examinadora da FAJE, 2008.  
 MIRANDA, Mário de França. O mistério de Deus em nossas vidas: a doutrina trinitária de Karl Rahner. São Paulo: Loyola, 1975.  
 \_\_\_\_\_.; OLIVEIRA; TABORDA, Francisco (org.). Karl Rahner: 100 anos: teologia, filosofia e experiência espiritual. SP: Loyola. 2005.

## Literatura complementar

- IGNACIO DE LOYOLA. Ejercicios Espirituales (Introd. DALMASES, Cándido de). 3. ed. Santander: Sal Terrae, 1990.  
 TAYLOR, Charles. Uma era secular. São Leopoldo: Unisinos, 2010. No original, A Secular Age. Cambridge, MA e London: Harvard University Press, 2007.  
 VÁZQUEZ MORO, Ulpiano. A contemplação para alcançar o amor. SP: Loyola. 2005.